

O DRAMA DO DUALISMO METAFÍSICO NA SITUAÇÃO FEMININA EM SIMONE DE BEAUVOIR

JOSIANA BARBOSA ANDRADE¹;
LUIS EDUARDO XAVIER RUBIRA²

¹Univesidade Federal de Pelotas – josyyandrade17@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – luisrubira.filosofia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, com a publicação de escritos póstumos de Simone de Beauvoir, tais como *As inseparáveis* (1954) / 2020] e *Lettres d'amitié* (1920-1959) [2022], os estudos beauvoirianos em torno de sua relação com Zaza foram renovados. Zaza foi a melhor amiga da jovem Simone de Beauvoir, que morreria de forma inesperada e trágica, em 1929, com 22 anos de idade. O laudo médico foi impreciso, mas indicava que a causa de sua morte poderia ter sido uma “encefalite”, uma “meningite”, conforme o último parágrafo de *Memórias de uma moça bem-comportada* [1958]. Essa imprecisão médica permitiu com que, nesse mesmo parágrafo, Simone de Beauvoir problematizasse, filosoficamente, a morte de sua amiga, acrescentando, após informar o laudo: “ou Zaza sucumbira de um excesso de fadiga e de angústia?” (MMBC, p. 313). A morte de Zaza se torna, pois, um objeto da filosofia beauvoiriana. Isso vem sendo interpretado de diferentes maneiras, tendo como predominância as leituras sociológicas e psicológicas, que focam na tentativa de querer explicar o que aconteceu com Zaza ou como Simone de Beauvoir lidou com esse acontecimento. Nesse contexto, a fim de enriquecer esse debate, busco apresentar uma leitura filosófica, segundo o sentido beauvoiriano, dessa relação.

Após ter colocado a dúvida filosófica diante da imprecisão médica, Simone de Beauvoir nos traz uma imagem final: “muitas vezes, à noite ela [Zaza] me apareceu, toda amarela sob o chapeuzinho cor-de-rosa, e me olhava com reprovação. Juntas havíamos lutado contra o destino abjeto que nos espreitava, e pensei durante muito tempo que pagara minha liberdade com a sua morte” (MMBC, p. 313). Nesse parágrafo, duas coisas importantes podem ser explicitadas, conforme Éliane Lecarme-Tabone (2013): o fantasma de Zaza, na primeira frase; e o sentimento de culpa de Simone de Beauvoir, na segunda.

Zaza, de fato, aparece como um fantasma que ronda a obra de Simone de Beauvoir o qual ela conseguiu exorcizar em suas *Memórias*, após inúmeras tentativas insuficientes de contos e romances que tinham como objetivo expressar o drama de sua amiga morta. A leitura, portanto, do sentimento de culpa de Simone de Beauvoir em relação a Zaza e a sua busca por reparação e justiça é possível. Essa leitura, no entanto, situa-se mais num plano psicológico do que filosófico, propriamente, de modo que ela revela elementos importantes da relação Simone-Zaza, mas que não me parece suficiente para o objeto que pretende posicionar.

Ao tornar a relação Simone-Zaza um objeto num plano filosófico, segundo o sentido beauvoiriano da atitude filosófica, a ideia é encontrar o que há de universal nessa relação singular. Ao formular a questão “ou Zaza sucumbira de um excesso de fadiga e de angústia?” Simone de Beauvoir nos conduz a uma hipótese

filosófica, que ela explicitará, de forma clara, em seu prólogo de *Quando o espiritual domina*, de 1979, ao dizer que a morte de Zaza se tratava de um “*grande crime espiritualista*”. Ora, o que seria esse “crime espiritualista”? A resposta para essa questão – que a filósofa tentou descrever no próprio livro supracitado, o qual se trata de sua primeira tentativa de publicação que foi rejeitada, em 1934 – pode ser melhor encontrada em *As inseparáveis*, em *Lettres d’amitié*, além das *Memórias*. Nestes escritos, a “resposta” não aparece ainda em forma de tese, mas em forma de uma descrição filosófica do que constitui esse *crime espiritualista*, que se trata, segundo a minha hipótese, do drama do dualismo metafísico experienciado por ambas amigas, singularmente. Esse drama expressa, como veremos, a dimensão universal-singular da relação delas, que permitirá uma leitura filosófica. A questão que surge, a partir disso, é em que consiste o drama do dualismo metafísico experienciado tanto por Simone quanto por Zaza?

2. METODOLOGIA

Neste estudo, utilizo, de forma geral, o método que foi proposto em *Um retorno a Simone de Beauvoir: estudo do drama da coexistência à luz da gênese e estrutura da filosofia beauvoiriana* [2022], que consiste em uma combinação procedimental dos métodos estrutural e genético, cujo movimento é o de ler a obra de Simone de Beauvoir a partir de suas próprias estruturas associado ao (modo?) de como ela tornou-se o que é. Além desse, utilizo também, de forma particular, para analisar especificamente a relação entre as duas amigas conforme os documentos póstumos, o método que Simone de Beauvoir descreve no segundo volume de *O segundo sexo*, ao elaborar uma história da subjetividade das mulheres a partir de arquivos em geral, tais como cartas, diários, laudos médicos etc., que permite uma compreensão da relação entre o singular e o universal, que constitui uma situação humana.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao dizer que, “juntas [ela e Zaza] havíamos lutado contra o destino abjeto que nos espreitava, e pensei durante muito tempo que pagara minha liberdade com a sua morte”, Simone de Beauvoir indica que havia algo em comum entre a experiência dela e a de sua amiga. Esse algo *em comum* foi lido por algumas estudiosas beauvoirianas, dentre as quais se encontra Annabelle Bonnet (2021), num plano sociológico, que tende a identificá-lo com o contexto social compartilhado por ambas. Essa leitura não me parece incorreta, mas não é ainda suficiente para o objeto que este estudo propõe, conforme indicado na introdução. Ao se referir a essa “luta contra o destino abjeto”, Simone de Beauvoir se refere tanto a uma atitude do passado-presente compartilhado com Zaza quanto a um futuro por vir. A dimensão social desse destino que constitui a situação da mulher é inegável. Contudo, ela não expressa ainda o filosófico que está presente nesta situação. A atitude do passado-presente que constitui a luta de Zaza e de Simone se trata de uma atitude diante do dualismo metafísico que as duas estavam a experienciar, dramática e singularmente. Essa atitude revela a dimensão filosófica. Isso pode ser identificado nas cartas trocadas por elas, no romance publicado postumamente e nas memórias.

O dualismo metafísico se revela na experiência das amigas a partir da descrição do conflito de ter que habitar dois mundos – o espiritual e o mundano, o interior e o exterior. Isso pode ser, perfeitamente, identificado em *As inseparáveis*

e nas cartas trocadas por elas. O romance publicado, postumamente, termina com personagem, inspirada na própria Simone de Beauvoir, dizendo: “compreendi, obscuramente, que Andrée tinha morrido sufocada com aquela brancura. Antes de pegar o trem de volta, depusitei sobre os ramos imaculados três rosas vermelhas” (I, p. 127). A brancura, nesse contexto, trata-se do “espiritual” que sufocou, que fez sucumbir até a morte a sua amiga. Em resposta, ela deposita as rosas vermelhas, fazendo alusão ao mundano. Nas cartas, Zaza expressa a melancolia de não ter tempo para viver para si, de não poder cultivar a sua interioridade, porque o seu dever espiritual era viver para os outros. Esse dever estava diretamente vinculado com a fé cristã, que acaba por se conciliar com os valores patriarcais, na situação da mulher. Na carta 112, Zaza escreve para Simone que o “exterior é terrível”, ao se referir a todas as tarefas infinitas que tinha que fazer. Mas ela também diz, na mesma carta, “eu permaneço livre sem que ninguém suspeite. Todas essas coisas são para mim como se não fossem” (LA, p. 240). A maneira como Zaza descreve essa relação entre o “exterior” e o “interior” revela um aspecto do drama do dualismo metafísico segundo a qual a exterioridade surge como uma diluição da interioridade, de modo que ela acaba por descrever uma melancolia que retrata uma impotência de cultivar a si mesma no seio de sua situação. A resposta para essa melancolia seria, aparentemente, abandonar a fé que confunde o dever social, no caso da mulher, com o dever religioso.

A situação, no entanto, revela-se mais complexa. À diferença de Zaza, a jovem Simone perdeu a fé, mas o drama do dualismo metafísico ao invés de desaparecer, revelou-se de outra forma. Ao escolher o mundano, a jovem Simone dirigiu-se para o mundo, a fim de se enraizar nele. Ao fazer isso, a sua experiência revela que apesar de ter escolhido o mundo, ele se apresentava a ela como fechado, de modo que ela também sentiu uma impotência de si. Isso se devia menos ao conflito interno entre o além e o aqui, como era o caso de Zaza, do que dos valores androcêntricos do mundo, de modo que a sua tendência, em um primeiro momento, foi o de se refugiar em si mesma, fazendo uso exagerado da solidão. Sua melancolia expressava também uma impotência diante da exterioridade, mas com uma motivação diferente da de Zaza. Ela escreve, nas *Mémoires*: “Cortadas ambas do mundo, Zaza pelo seu desespero, eu pela minha louca esperança, nossas solidões não nos uniam” (MMBC, p. 142).

Se Zaza sentia que estava “presa no mundo de fora”, Simone se perdia em “sua própria vida interior”, fazendo com que o seu movimento fosse o de buscar uma salvação de si no mundo em comunhão com os outros. Isso pode ser identificado no momento em que ela nos relata a sua experiência nos bares. “Em todo caso”, ela diz, “havia agora na terra um lugar onde me sentia à vontade; o Jockey se tornara familiar para mim, aí encontrava conhecidos, aí sempre me comprazia mais”. E continua, “bastava um gin-fizz para que minha solidão se fundisse: todos os homens eram irmãos, nós nos compreendíamos todos, todo mundo se amava. Nenhum problema mais, nem saudade, nem espera. O presente me bastava”. Ela experencia no bar uma comunhão mística com os outros, em que o mundo “exterior” se harmonizava com o mundo “interior”. Isso durava por um tempo, mas logo depois a sua melancolia diante do futuro, de não conseguir vencer a própria vida, lhe consumia. O presente já não bastava. Ter sido uma “esteta de bar”, permitiu-lhe entrever algo que a permitirá entender que uma moral do instante não é suficiente tal como uma moral do eterno. Será preciso uma moral que permita com que o ser humano concilie esses dois aspectos de si. A comunhão do bar

surge, pois, como uma resposta místico e estética para o problema do drama do dualismo metafísico, que lhe foi suficiente.

4. CONCLUSÕES

Ao visar descrever a dimensão filosófica da relação Simone-Zaza, este estudo busca descrever como cada uma viveu, singularmente, um drama metafísico vinculado com uma visão dualista de mundo. É na medida em que compreendemos em que consiste esse drama, que podemos compreender o que há de universal na experiência singular delas. Esse universal está vinculado com o drama que, mesmo sendo vivido singularmente, revela uma generalidade compartilhada por mulheres. Ao explicitarmos as suas atitudes, uma melancolia feminina diante do dualismo se revela. Essa melancolia não se definiria somente por um conflito decorrente do dualismo ou por um sentimento de desenraizamento, mas também por uma impotência em querer se enraizar no mundo e descobrir que esse mundo se mostra como um diluidor de si ou como, inicialmente, fechado para si.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Josiana. **Um retorno a Simone de Beauvoir: estudo do drama da coexistência à luz da gênese e estrutura da filosofia beauvoiriana**. 2022. 315 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Pelotas.
- BONNET, Annabelle. “Simone de Beauvoir, de Zaza ao feminismo”. **Caderno Espaço Feminino**, v. 33, n. 2, 2021, 374–380.
- DE BEAUVOIR, Simone. **Memórias de uma moça-bem comportada**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- _____. **As inseparáveis**. Trad. Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- _____. **Lettres d'amitié**. Paris: Gallimard, 2022.
- _____. **Quando o espiritual domina**. Trad. Danilo de Aguiar. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.
- LECARME-TABONE, Éliane; JEANNELLE, Jean-Louis. **L'Herne**. Beauvoir. Paris: Éditions de L'Herne, 2012